

O uso da linguagem simples em textos expositivos como recurso de acessibilidade para a pessoa idosa

The use of plain language in expository texts as an accessibility resource for the elderly

PEREIRA, Cristiano da Cunha; Doutorando; UFRGS

cristianocunhadesign@hotmail.com

SILVA, Tânia Luisa Koltermann; Doutora; UFRGS

taniam.koltermann@ufrgs.br

CARDOSO, Eduardo; Doutor; UFRGS

eduardo.cardoso@ufrgs.br

Por meio de ações inclusivas, instituições museais precisam desenvolver iniciativas para gerar conhecimento e facilitar o acesso à informação ao público idoso. Nesse contexto, a linguagem simples pode ser utilizada como um recurso de apoio para a elaboração da acessibilidade comunicacional. Esse estudo tem por objetivo investigar o uso de linguagem simples como recurso de acessibilidade ao público idoso em museus, bem como as terminologias, definições e conceitos de leitura e legibilidade. Para a elaboração desse artigo optou-se pela pesquisa exploratória, que tomou como base os principais termos e conceitos do objeto de pesquisa para posterior delineamento da busca das publicações e dos seus respectivos autores. Como resultados obtidos foram identificados parâmetros que facilitam e que dificultam a leitura e a legibilidade dos textos expositivos em museus.

Palavras-chave: Linguagem Simples; Museu; Idoso.

Through inclusive actions, museum institutions need to develop initiatives to generate knowledge and facilitate access to information for the elderly public. In this context, plain language can be used as a support resource for the elaboration of communicational accessibility. This study aims to investigate the use of plain language as an accessibility resource for the elderly in museums, as well as the terminology, definitions and concepts of readability and legibility. For the elaboration of this article, we opted for an exploratory research, which was based on the main terms and concepts of the research object, for later outlining the search for publications and their respective authors. As results obtained, parameters were identified that facilitate and hinder the readability and legibility of expository texts in museums.

Keywords: Plain Language; Museum; Elderly.

1 Introdução

O Brasil vive uma nova configuração social, que projeta, para 2060, 1/3 da população com mais de sessenta anos (IBGE, 2017). Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) apontaram que, no ano de 2021, dos 210 milhões brasileiros, 37,7 milhões eram pessoas idosas. Guarita (2017) afirma que é possível identificarmos as causas raízes desse contexto: melhora da assistência médica; desenvolvimento científico e tecnológico; novas perspectivas sobre o significado de qualidade de vida; etc.

Oficialmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) considera idoso o indivíduo com idade igual ou superior a 65 anos para residentes em países desenvolvidos e com 60 anos ou mais para países em desenvolvimento. No Brasil, conforme Lei n°. 10.741, é considerado idoso o adulto com idade superior aos 60 anos.

Spirduso (1995) propõe uma categorização de idade cronológica, considerando como adulto da meia idade o indivíduo com idade entre 45 e 64 anos; o idoso-jovem aquele entre 65 e 74 anos; o idoso aquele com idade entre 75 e 84 anos; o idoso-idoso de 85 a 99 anos e o idoso-velho que seriam indivíduos acima de 100 anos de idade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) subdivide a idade adulta em quatro estágios: meia idade: 45 a 59 anos, idoso: 60 a 74 anos, ancião: 75 a 90 anos e velhice extrema: acima de 90 anos. Conforme Mantovani (2007), a classificação da OMS considera apenas o aspecto cronológico da idade do indivíduo, desprezando os aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos. Nesse estudo utilizaremos a definição brasileira, conforme Lei n°. 10.741.

Farias, Landim e Rodrigues (2016) apontam que a velhice não é apenas uma etapa da vida, mas um processo complexo marcado por mudanças físicas, sensoriais e cognitivas. Tais alterações podem interferir na qualidade de vida dessa população, comprometendo os reflexos, funções fisiológicas, órgãos sensoriais, memória e atenção.

Para Mantovani (2007), a qualidade de vida está ligada diretamente às condições e ao estilo de vida. De acordo com Lessa (1999), o estilo de vida inclui hábitos e comportamentos autodeterminados, adquiridos social ou culturalmente, em grupos ou individualmente. Garantir uma experiência de vida positiva para os idosos é promover sua saúde, sua capacidade funcional e sua participação social (MANTOVANI, 2007). Nesse contexto, os museus são espaços que podem contribuir com a qualidade de vida e bem-estar geral do idoso.

Segundo Cardoso e Cuty (2012), possibilitar o acesso mínimo e satisfatório ao patrimônio cultural e à informação é a melhor forma de fazer com que o museu cumpra o seu principal sentido com a sociedade, legitimando a identidade e a autoidentificação com aquilo que a compõe. O conhecimento e a consciencialização das múltiplas barreiras que afetam a população com algumas limitações, onde se inclui a população idosa, é de extrema relevância para este estudo, no sentido de promover o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva.

Araujo (2016) argumenta que é apropriado que a museologia se concentre no grupo de idosos, mas é necessário posicionar-se de modo a ultrapassar a categorização de grupo único e trabalhar categorias reais, derivadas de um processo de envelhecimento com padrões de desenvolvimento diversos, projetando que todos os públicos irão gradualmente envelhecer.

Para Farias, Landim e Rodrigues (2016), um dos efeitos do envelhecimento é a perda progressiva da visão, que reduz a acuidade visual, dificulta a leitura e compreensão de textos, além de afetar o acesso à informação, comprometendo assim, a qualidade de vida do idoso. É comum que muitos idosos se sintam analfabetos por problemas de visão, portanto, devemos atentar para o planejamento dos artefatos gráficos, considerando as necessidades desses públicos, e pensando sobre estratégias visuais para compensar problemas de envelhecimento no processo.

Com o intuito de promover e facilitar o acesso à informação, a Linguagem Simples é um conjunto de práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos, considerando o público a quem a comunicação se destina, escolhendo as palavras mais familiares, a estrutura das frases e determinando o design (FISCHER, 2018). Os benefícios da Linguagem Simples configuram um avanço na concepção da acessibilidade na elaboração dos textos expositivos, uma vez que, as formas de aplicar os recursos que garantem a inclusão cultural envolvem múltiplas estratégias, de natureza bastante diferenciadas em espaços museais que, para além de atuar nas mais diversas formas de comunicação aplicada, também se configuram como meios de comunicação, principalmente na prática de sua linguagem (SARRAF, 2015).

Diante da contextualização e delimitação exposta, esse estudo tem por objetivo investigar o uso da Linguagem Simples em museus, bem como as terminologias, definições e conceitos de leiturabilidade e legibilidade, e como os idosos podem se beneficiar deste recurso.

2 Desenvolvimento

O referencial teórico está organizado em três tópicos que abordarão os conceitos deste artigo a partir das análises e apontamentos dos principais autores envolvidos.

2.1 Museus acessíveis

As transformações por que passam os museus hoje, são decorrentes da necessidade destes permanecerem relevantes para o seu visitante e para a sociedade (MARTINS, 2017). Deve-se considerar que, é de responsabilidade da museologia atual, ter a consciência da diversidade dos públicos que frequentam os museus, objetivando assim, a maior democratização dos seus espaços. O encontro de públicos tão diversos que frequentam os museus desafiam estas instituições e os profissionais que nela trabalham a corresponder às suas expectativas e, antes de tudo, às suas necessidades (CARDOSO, 2016).

Cândido (2018) observa que os museus contemporâneos estão cada vez mais conscientes dos desafios que enfrentam no que diz respeito à diversidade e inclusão. Para Correa e Micheleon (2013), é possível identificar grupos que acabam sendo excluídos da experiência museal porque não podem ingressar, ou porque não conseguem compreender o conteúdo da exposição. A missão de comunicar, na museologia, ocorrerá ao se compreender que a instituição é, em si mesma, um agente de gestão de informação e, mais importante que tudo, quando esta incentivar um diálogo franco e de igual perspectiva com a sua comunidade (BEITES, 2011).

Segundo Sarraf (2015), tornar os espaços culturais locais acessíveis inclui outros públicos que, na maior parte dos espaços culturais não são foco das políticas de formação e, por essa razão, beneficiam-se dos recursos de comunicação e mediação acessíveis e sensoriais. Entre essas

peças estão, principalmente, os idosos, as crianças pequenas com suas famílias e os visitantes de primeira viagem.

Se os museus estão abertos a todas as pessoas, independentemente da origem cultural e social, é necessário que atendam a pelo menos três níveis de acessibilidade: barreiras físicas; barreiras sensoriais e barreiras atitudinais (GUARITA, 2017). Busca-se então base no Design Universal para a concretização da acessibilidade e, por extensão, para a promoção da inclusão social nos museus. São princípios do Design Universal:

- Princípio n.º 1 - Uso equitativo: pode ser utilizado por pessoas com diferentes capacidades;
- Princípio n.º 2 - Flexibilidade de utilização: permite escolher a forma de utilização, de acordo com as preferências e capacidades individuais;
- Princípio n.º 3 - Uso simples e intuitivo: fácil de compreender, independentemente da experiência, conhecimentos, competências linguísticas ou nível de concentração dos utilizadores;
- Princípio n.º 4 - Informação perceptível: comunica de maneira eficaz, apresentando a informação em diferentes formatos (pictográfico, verbal, tátil);
- Princípio n.º 5 - Tolerância ao erro: minimiza riscos e consequências negativas que podem resultar de ações acidentais ou involuntárias;
- Princípio n.º 6 - Esforço físico mínimo: o utilizador pode manter uma postura corporal neutra que lhe permite o uso confortável, eficaz e com um mínimo de fadiga;
- Princípio n.º 7 - Dimensão e espaço de abordagem e de utilização: tem um tamanho e um espaço apropriados para aproximação, alcance, manuseamento e uso, independentemente da estatura, mobilidade ou postura do utilizador.

(GUIA DE BOAS PRÁTICAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA EM MONUMENTOS, PALÁCIOS E MUSEUS DE PORTUGAL, 2017, p. 11).

O Design Universal pode ser um parâmetro para o desenvolvimento de medidas que garantam o acesso para todos os públicos, e que permite que as adequações físicas, comunicacionais, atitudinais, de fruição e a criação de novas estratégias de atração de público sejam adequadas para todas as pessoas, independente de suas características pessoais, idade ou habilidades (SARRAF, 2018). Conforme a autora, os princípios do Design Universal consideram uma escala larga de preferências e de habilidades individuais e sensoriais dos usuários para que qualquer ambiente ou produto possa ser alcançado, manipulado e usado, independentemente do corpo, postura, mobilidade, aptidões sensoriais e intelectuais do indivíduo.

Para Cardoso et al. (2010), ações de acessibilidade estão ligadas ao Design Universal e à ergonomia. Para os autores, no contexto dos ambientes culturais, a acessibilidade pode ser conceituada em oito tipos (Quadro 1).

Quadro 1 - Tipos de Acessibilidade em Ambientes Culturais

Tipo de acesso	Deveres
----------------	---------

Acesso físico	Deve garantir que não existam barreiras arquitetônicas.
Acesso sensorial	Deve contemplar visitantes com limitações visuais, auditivas e na fala.
Acesso intelectual	Deve considerar o público sem conhecimentos prévios sobre o tema do evento ou com dificuldades de aprendizagem.
Acesso econômico	Deve considerar as condições financeiras dos visitantes para definir as cobranças.
Acesso emocional	Deve considerar se o local é acolhedor a novos visitantes e se os funcionários lidam com a diferença e a deficiência.
Acesso à esfera das decisões	Deve considerar a opinião de especialistas e potenciais visitantes na tomada de decisões.
Acesso à informação	Deve garantir que a divulgação das atividades atinja novos públicos.
Acesso cultural	Deve considerar o interesse que as atividades despertam em certos públicos.

Fonte: Adaptado de NDGA – UFRGS.

Sarraf (2018) afirma que, no universo cultural, a existência de um conceito de acessibilidade cultural pressupõe que os espaços públicos e privados, que abrigam diferentes tipos de produção cultural, “devem oferecer um conjunto de adequações, medidas e atitudes que proporcionem bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência, beneficiando públicos diversos” (SARRAF, 2018, p. 25).

Para Pillière (2018), à medida que os museus se tornam mais conscientes da necessidade de desempenhar um papel social e se tornam mais inclusivos socialmente, também se tornam mais conscientes da necessidade de se envolver com as vozes das minorias.

2.2 Público idoso

Os idosos estão entre os públicos que encontram inúmeras barreiras quanto a acessibilidade nos museus. Ainda que, conforme Bernardo e Carvalho (2020), o museu apareça como o espaço mais procurado por esse público. Para Roe et al. (2016), diversas instituições culturais vêm desenvolvendo e financiando programas para promover o compartilhamento de experiências, o conhecimento e o convívio social, tornando esses espaços destinos ideais para a estimulação mental dos idosos.

Conforme pesquisa realizada por Todd et al. (2017), com uma amostra de 20 participantes de programas alocados em sete museus no centro de Londres e Kent, um condado semi-rural da Inglaterra, verificou-se que as visitas regulares aos museus reduziram o isolamento social das pessoas idosas, determinando como eles interagiram para criar um ambiente social e físico que melhorasse o bem-estar psicológico.

Em 2014, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) deu início ao projeto de pesquisa *Prime Time*, analisando como os museus poderiam apoiar o envelhecimento ativo, a partir de programas destinados ao público idoso, por meio de atividades que atendam as demandas e necessidades desse visitante. Conforme Coates (2019), o MoMA reuniu um grupo de 11 nova-

iorquinos, com idades entre 61 e 94 anos, que denominou de *Prime Time Collective*, e por meio de avaliações escritas, grupos focais e entrevistas em vídeo, verificou que as experiências envolventes, inclusivas, sociais e programadas regularmente, são as mais procuradas pelos visitantes idosos. Ser acolhido por essas instituições os ajuda a se manterem ativos, com uma série de benefícios mentais e físicos (COATES, 2019).

Nesse contexto, garantir que os idosos tenham experiências de vida positivas é promover sua saúde e capacidade funcional, sua participação social e segurança, o que contribui para a melhoria da qualidade de vida e bem-estar geral (OMS, 2005). Destarte Farias, Landim e Rodrigues (2016), criticam a ausência do discurso social no processo de envelhecimento, afirmando que o envelhecimento também é uma categoria social e assim como se pensa a inclusão nos aspectos fisiológicos também pode-se planejar projetos inclusivos socialmente.

2.3 Linguagem Simples

Estudiosos preocupados em usar uma linguagem mais clara e compreensível construíram um movimento global em torno do conceito de Linguagem Simples, que ganhou força a partir das décadas de 1970/1980, principalmente nos países de língua inglesa (FISCHER, 2018).

Para Salasar e Michelon (2020), o termo Linguagem Simples vem do movimento internacional *Plain Language*. No Brasil, a tradução de *Plain Language* vem se consolidando como Linguagem Simples. De acordo com Salasar e Michelon (2020), outro termo também associado ao movimento *Plain Language* é o da Linguagem Cidadã, utilizado pelo governo brasileiro e associado à administração pública (CARVALHO; CAPELLI, 2019).

Pesquisadores, em especial na língua inglesa, deram origem a diferentes definições de leiturabilidade. Em seu livro *The Principles of Readability*, DuBay (2004) apresenta uma compilação de estudos clássicos, como os índices de leiturabilidade de Flesch, Dale e Chall, Klare e McLaughlin. Em consonância, Flesch (1946) estima que o grau de leiturabilidade é fundamentada na relação entre o tamanho de frase e o tamanho da palavra, variáveis essas que podem afetar a facilidade de leitura dos textos. Já Edgar Dale e Jeanne Chall (1995) definem leiturabilidade como a totalidade dos elementos presentes em determinado material impresso que influencia no entendimento, velocidade de leitura e interesse do leitor. Para George Klare (1963), leiturabilidade é a facilidade de entendimento ou compreensão de acordo com a sua redação. Enquanto McLaughlin (1968) descreve leiturabilidade como o grau que determinado grupo de pessoas considera determinada leitura estimulante e compreensível.

Conforme Lima (2007), fatores que estão associados à visão e a percepção visual, portanto, a fisiologia da leitura, formam um subgrupo denominado legibilidade, ou seja, características como contraste, foco e campo de visão, que interferem na leitura de um texto, fazem parte deste grupo. McLaughlin (1968) define legibilidade como a eficiência e velocidade com a qual um grupo de caracteres em um texto pode ser reconhecido.

A Linguagem Simples pode estar na base de todas as estratégias de comunicação, apresentando conteúdos de forma clara e de fácil compreensão, usando uma linguagem próxima da linguagem falada sem que, com isso, se minimize a carga informativa; ela potencializa a leitura por parte de todas as pessoas, mas é particularmente útil a quem tem um menor domínio da língua portuguesa, como as crianças e as pessoas com surdez ou deficiência

intelectual (GUIA DE BOAS PRÁTICAS DE ACESSIBILIDADE PARA COMUNICAÇÃO INCLUSIVA EM MONUMENTOS, PALÁCIOS E MUSEUS DE PORTUGAL, 2017).

Este gênero de acessibilidade importa ser analisado à luz dos processos de comunicação museológica da sociedade contemporânea. Segundo Lima (2007), diversas são as características que tornam um texto fácil e agradável de ser lido e a sua informação acessível ao leitor.

No contexto museológico, Neto (2010) afirma que, entre os métodos existentes para uma melhor leitura, está o método idealizado pela escritora e pesquisadora sueca Margareta Ekarv, na década de 1990. O “Método Ekarv” utiliza textos simples e atrativos para apreciação e a aprendizagem dos visitantes nos museus a partir do uso adequado de palavras, com o intuito de proporcionar uma melhor experiência visual. Para Neto (2010), as avaliações realizadas com textos escritos, segundo o “Método de Ekarv”, confirmaram que os visitantes compreenderam facilmente os respectivos conteúdos, considerando a leitura fácil e positiva.

Trench (2018) refere que a escrita dos textos museográficos pode ser feita com o auxílio da Linguagem Simples para a produção de conteúdos acessíveis. Para Trench (2018), escrever um texto expositivo, que seja interessante, envolvente e acessível para um público amplo é difícil, mas não impossível, demarcando que é necessário reconhecer as necessidades e os interesses do público e usar os dispositivos de boa escrita para comunicar o conteúdo desejado. Pillière (2018) afirma que, nos últimos anos, a escrita de textos de museus, como muitos outros tipos de textos técnicos, como manuais de instrução, documentos legais e assim por diante, foram influenciados pelo movimento da Linguagem Simples.

Na esfera de um projeto de comunicação acessível museológico, a Linguagem Simples deve ser usada em todo e qualquer texto (folhetos, textos de parede, fichas técnicas, audioguias, etc.). Conquanto Fischer (2018), não existe uma definição única de Linguagem Simples, nem de suas regras de uso. É mais comum apresentar a Linguagem Simples em contraponto ao que ela não é, ou seja, em oposição a textos complexos que exigem grande esforço de leitura e tendem a confundir os leitores.

Segundo Dean (1996), para que a comunicação ocorra de fato no espaço museológico, os textos museográficos devem ser relevantes e objetivos. O conteúdo dos materiais textuais deve responder a perguntas e colocar novas questões ao público (DEAN, 1996).

Para Cohen, Duarte e Brasileiro (2012), a percepção do texto também é influenciada pela distância visual, localização, visibilidade, caligrafia e suporte. Os mesmos autores apontam que a leitura dos textos museográficos depende, em parte, das condições de visibilidade, no sentido de que o nível de iluminação precisa ser constante, sem zonas de sombras ou reflexos.

3 Procedimentos Metodológicos

Para a elaboração deste artigo optou-se pela pesquisa exploratória, pois possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos, visando contemplar os conceitos discutidos nas reflexões acerca do problema de pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A pesquisa exploratória tomou como base o delineamento da *String* de busca. Para criar a *String* de busca foi necessário identificar os descritores referente ao tema de pesquisa, que

trata da Linguagem Simples como recurso para a elaboração da acessibilidade comunicacional da pessoa idosa nos museus. Nesta busca foram identificados e utilizados três conjuntos de descritores: (1) *Museum, Art, Older people*; (2) *Plain language, Inclusivity, Museum*; (3) *Older people, Readability, Museum*.

Utilizando os descritores de busca, realizou-se uma pesquisa exploratória na base de dados Periódicos da CAPES (www.periodicos.capes.gov.br), e SciELO (www.scielo.org), por fontes publicadas no período de 2000 a 2021. O período foi assim demarcado considerando os estudos realizados por DuBay (2004), na primeira década e 2000.

A *String* de busca foi utilizada na base de dados, assim como os critérios de inclusão e exclusão. Para este estudo foram definidos os seguintes critérios de inclusão: filtragem, disponíveis na própria busca, com os termos e palavras-chave elencadas das questões de pesquisa; artigos disponíveis para acesso; artigos revisados por pares; artigos publicados no período de 2000 a 2021. Como critérios de exclusão foram definidos: a indisponibilidade do trabalho em sua íntegra; trabalhos que não apresentaram indícios de relação com o foco desta pesquisa identificáveis pelo título e palavras-chave; trabalhos de um mesmo autor que apresentem títulos diferentes, mas com conteúdo igual.

Para apoiar a discussão e análise dos resultados obtidos pela *String* de busca, foram incorporadas publicações de outras fontes que abordam os conceitos de museu, acessibilidade, legibilidade, leiturabilidade e público idoso em museus. Este acervo foi empregado para fomentar a reflexão acerca da produção analisada.

4 Resultados

A pesquisa exploratória obteve, inicialmente, através da *String* de busca no Portal de periódicos da CAPES e no Portal SciELO, o total de 8.166 artigos. Após o uso dos filtros utilizados nas próprias ferramentas de busca, obteve-se 1.044 artigos. Destes, aplicados os critérios de exclusão, foram selecionados 07 artigos para leitura na íntegra. Dos 07 artigos finais, 4 artigos são resultantes da busca por *Museum, Art, Older People*; nenhum artigo por meio dos descritores *Plain Language, Inclusivity, Museum*; 3 artigos resultantes da busca por *Older People, Readability, Museum*.

Por meio da leitura dos artigos resultantes da busca realizada com os descritores e das publicações de outras fontes que abordam os conceitos de museu, acessibilidade, legibilidade, leiturabilidade e público idoso em museus, foram extraídos parâmetros que facilitam e que dificultam a leiturabilidade e a legibilidade dos textos expositivos em museus, conforme apresentados respectivamente nos Quadros 2 e 3, divididos segundo a categorização de Sousa (2017) em: Leiturabilidade (Linguagem e Estrutura) e Legibilidade (Formatação).

Quadro 2 - Parâmetros que facilitam a leiturabilidade e a legibilidade dos textos expositivos em museus

Autor(es)	Facilitam a Leiturabilidade (Linguagem e Estrutura)	Facilitam a Legibilidade (Formatação)
Dean (1996)	<ul style="list-style-type: none"> Textos expositivos devem ser pertinentes e objetivos; O conteúdo dos materiais deve responder perguntas e propor questionamentos; Uso de linguagem familiar aos visitantes; 	<ul style="list-style-type: none"> Para letras de textos introdutórios o tamanho indicado é de 18 a 36 pontos; Para textos introdutórios o tipo de letra deve ser altamente legível; Utiliza-se tipografia sem serifa (Helvética, Futura e Avant Garde) ou tipografia com serifa (Times-Roman e

	<ul style="list-style-type: none"> Textos introdutórios não devem ter mais de 75 palavras; Textos introdutórios limitado a parágrafos curtos podem incluir até 200 palavras; Parágrafos múltiplos, a regra geral é de 75 palavras; Textos de seções ou grupos aplica-se a regra geral de 75 palavras, podendo ser utilizadas até 150 palavras se forem utilizadas quebras de parágrafo; Para legendas utiliza-se a regra de 75 palavras. 	<p>Garamond);</p> <ul style="list-style-type: none"> Para textos introdutórios utiliza-se texto preto sobre fundo branco; Para legendas utiliza-se de 12 e 24 pontos de tamanho; O tamanho da letra está diretamente relacionado com a distância entre o visitante e o texto da exposição; Considerando distâncias entre 60 a 90 cm, deve-se utilizar tipos de 14 a 24 pontos para etiquetas e 24 a 36 pontos para os demais textos; Letras pretas em fundo branco são mais indicadas para a leitura de textos nos espaços expositivos; Em textos com poucas palavras (máximo de 20) o uso de letras brancas em fundo preto pode auxiliar na captura da atenção do visitante, sendo indicada para títulos e subtítulos.
Serrell (1996)		<ul style="list-style-type: none"> Etiquetas devem apresentar tipos com tamanhos entre 20 e 24 pontos; Para textos introdutórios, textos de grupos ou textos que serão lidos em uma distância de até 46 cm, o tamanho deve estar entre 28 a 48 pontos, dependendo das condições de cor, espaço, iluminação e tipo de letra; Para uso de letras brancas em fundo preto é recomendável a utilização de tipos <i>sans serif</i> (sem serifa).
Ekarv (1996)	<ul style="list-style-type: none"> Utilizar de linguagem simples para exprimir as ideias; Uso da ordem natural do discurso oral; Apresentar uma ideia por parágrafo, abordando o assunto principal logo no seu início; Redigir parágrafos curtos, com cerca de 45 palavras, distribuídas por 4 ou 5 linhas; Recurso à forma ativa dos verbos; Evitar orações complexas e subordinadas; Evitar advérbios desnecessários; Evitar palavras hifenizadas no fim de cada linha; Assegurar pausas durante a leitura do texto; Ajustar a pontuação ao ritmo de leitura; Discutir os textos com outras pessoas e ter em consideração as suas 	

opiniões.

Bitgood (2013)	<ul style="list-style-type: none"> Textos posicionados próximos aos objetos expostos são passíveis de serem lidos quando: (1) posicionados perto dos objetos da exposição; (2) posicionados na linha de visão; (3) posicionados logo abaixo dos elementos apresentados; O aumento do tamanho da letra resultou em alta porcentagem de leitura de textos e foram lidas com mais frequência.
Guia para o Victoria & Albert Museum (2018)	<ul style="list-style-type: none"> Conheça seu público; Escreva como você falaria; Seja ativo, não passivo; Seja curto e rápido; Organize suas informações; Envolva-se com o objeto; Traga o elemento humano; Contextualize o objeto; Admita a incerteza; Lembre-se das seis regras de Orwell.

Fonte: adaptado de Dean (1996), Serrell (1996), Ekarv (1996), Bitgood (2013), Guia para o Victoria & Albert Museum (2018).

Quadro 3 - Parâmetros que dificultam a leiturabilidade e a legibilidade dos textos expositivos em museus

Autor(es)	Dificultam a Leiturabilidade (Linguagem e Estrutura)	Dificultam a Legibilidade (Formatação)
Serrell (1996)	<ul style="list-style-type: none"> Textos que não estão relacionados com uma grande ideia, que divagam, sem foco ou objetivos; Textos que têm demasiada ênfase na instrução (apresentação de informações) em vez de interpretação (que oferece provocação); Textos que não levam em conta os conhecimentos prévios, interesses e/ ou equívocos dos visitantes - que não sabem quem é o público; Textos com nenhum sistema aparente de design e conteúdo para organizar as mensagens, códigos ou contexto; Textos escritos com um vocabulário que está fora do alcance para a maioria dos visitantes; Textos que são muito longos e prolixos; 	<ul style="list-style-type: none"> Textos com má escolha de tipografia; Textos com má iluminação; Textos mal posicionados; Letras alongadas, apertadas, achatadas e com grande espaço entre si; Letras com exagero de serifas e arabescos; Uso de muitas fontes/tipos; Todas as letras maiúsculas (caixa alta); Texto em Itálico; Usar, em um mesmo texto, alinhamento centralizado, justificado ou à esquerda.

- Textos que fazem perguntas que não são as perguntas dos visitantes;
- Textos para objetos interativos que não têm instrução ou interpretações localizadas de maneiras lógica e integrada;
- Hifenizar palavras no final das linhas;
- Linhas com mais de 50 caracteres.

Bitgood
(2013)

- Visitantes tendem a não perceber textos fixados em pontos altos;
- Textos posicionados no alto frequentemente são menos lidos;
- Textos fora do caminho dos visitantes.

Fonte: adaptado de Serrell (1996) e Bitgood (2013).

Como resultados obtidos pode-se observar que os parâmetros que facilitam a leitura dos textos expositivos indicam: usar uma linguagem familiar/simples, próxima ao discurso oral/falado; usar a voz ativa; utilizar uma ideia por parágrafo; organizar informações; utilizar textos introdutórios com no máximo 75 palavras; conhecer o público; trazer o elemento humano; validar o texto com o público ao qual o texto se destina. Como parâmetros que facilitam a legibilidade observa-se as seguintes orientações: utilizar tipografia sem serifa; usar texto preto sobre fundo branco; ajustar o tamanho da letra de acordo com a distância entre o visitante e o texto.

Por meio dos resultados apresentados nos Quadros 2 e 3, foi possível exemplificar o uso da Linguagem Simples a partir de um parágrafo do texto da exposição Tarsila Popular¹, resultando na versão reescrita e simplificada do mesmo (Figura 1). A exposição foi selecionada aleatoriamente, bem como o parágrafo utilizado.

Figura 1 - Diferença na compreensão de um texto expositivo antes e depois da reescrita em Linguagem Simples.

¹ Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Tarsila Popular/organização editorial e curadoria Adriano Pedrosa, Fernando Oliva; textos Adriano Pedrosa...[et al.] – São Paulo; MASP, 2019. 360p., il.

Autorretratos eram um meio da maior importância através do qual Tarsila do Amaral explorava e criava sua identidade artística e pessoal ao longo do início da carreira. Em fevereiro de 1923, Tarsila chegara a Paris buscando aprender as técnicas necessárias para avançar em sua prática de pintora moderna.

No início da carreira, Tarsila explora e cria sua identidade artística e pessoal através de autorretratos. Chega a Paris, em fevereiro de 1923, para aprender técnicas e seguir como pintora moderna.

Fonte: O autor (2022).

Observa-se que o parágrafo da versão original apresenta 256 caracteres (sem espaço), sendo que a versão reescrita e simplificada apresenta 167 caracteres (sem espaços), devido às alterações realizadas na linguagem e estrutura do texto.

A formatação do texto sofreu modificações de tipografia, tamanho de fonte, espaçamento entre linhas e contraste entre figura (texto) e fundo.

5 Considerações finais

Por meio da leitura dos artigos resultantes da busca realizada com os descritores, observou-se a existência de escassas publicações entre os anos de 2000 e 2021, o que corrobora com a relevância de estudos e publicações sobre essa temática.

Partindo da análise desse estudo, pode-se observar que, os museus que desejam se tornar lugares cada vez mais democráticos, devem estar atentos à diversidade de públicos que frequentam seus espaços. Compreender necessidades diversas significa garantir o acesso equitativo a todos. Nesse contexto, atender a três níveis de acessibilidade: barreiras físicas; barreiras sensoriais e barreiras atitudinais, é fundamental para que os museus promovam a inclusão desse público tão diverso.

A acessibilidade à informação no museu está relacionada aos recursos disponíveis, incluindo o conteúdo relacionado a programação e catalogação, textos expositivos, materiais técnicos e outros recursos. Nesse contexto, a Linguagem Simples torna-se um recurso fundamental para facilitar a leitura e a compreensão de textos expositivos.

Este estudo constatou ainda que não existe uma definição única de Linguagem Simples, ou mesmo, uma forma de apresentação, mas foi possível observar que pesquisas realizadas sobre conteúdo acessível costumam fazer menção aos critérios de leitura e legibilidade. Nesse sentido, a leitura está relacionada à compreensão da linguagem utilizada em um determinado texto, no intuito de facilitar a leitura e compreensão por um grupo específico de pessoas. Enquanto a legibilidade está relacionada às escolhas de design. Assim, a Linguagem Simples é o somatório das práticas que promovem a leitura e a compreensão de textos,

levando em consideração o público a que se destina a comunicação e o seu contexto de aplicação.

Ao considerar o idoso como público da comunicação museológica, os parâmetros que facilitam a legibilidade e a legibilidade devem auxiliá-los na leitura e compreensão dos textos expositivos, visto que, dentre os principais efeitos do envelhecimento está a perda progressiva da visão, além do comprometimento de outras funções sensoriais, fisiológicas e cognitivas.

Por meio da identificação dos referidos parâmetros, pode-se realizar a proposição e avaliação de textos expositivos em museus, e mesmo em outros contextos, de forma mais acessível a todos.

6 Referências

ARAUJO, O. S. C. C. de. **Os idosos como público de museus**. 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BEITES, A. **O Museu Aberto e Comunicativo** - fundamentação e proposta para estudos de públicos à luz de um enfoque info-comunicacional. 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2011.

BERNARDO, L. D.; CARVALHO, C. R. A. de. O papel do engajamento cultural para idosos: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Bras. Geriatria & Gerontologia**, v. 23, n. 6, e190141, 2020.

BITGOOD, S. **Attention and value: keys to understanding museum visitors**. Walnut Creek, ca: Left Coast Press, Inc, 2013.

BRASIL. **Lei 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 12 jan. 2022.

CÂNDIDO, M. M. D. Museu, memória e inclusão. **Revista Museu**, 2018. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8521-museu-memoria-e-inclusao.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

CARDOSO, E. et al. **Infográficos de Comunicação, Sinalização e Acessibilidade**, 2010. NDGA – UFRGS- Núcleo de Design Gráfico Ambiental do Departamento de Design e Expressão Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARDOSO, E.; CUTY, J. **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

CARDOSO, E. **Design para Experiência Multissensorial em Museus: fruição de objetos culturais por pessoas com deficiência visual**. 2016. 590 f. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

CARVALHO, L. P.; CAPELLI, C. Linguagem cidadã de processos em sistemas digitais. In: Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia E Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces e Interação Humano-Computador, 17, 2019, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** São Paulo: Blucher, 2019.

COATES, C. What is Active Ageing and how can Museums help? **Museum Next**, 4 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.museumnext.com/article/what-is-active-ageing-and-how-can-museums-help>. Acesso em: 15 mai. 2020.

- COHEN, R.; DUARTE, C.; BRASILEIRO, A. **Acessibilidade a Museus**. Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012.
- CORREA, C.; MICHELON, F. Expografia Acessível: estudo de suporte expográfico com desenho universal. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 3, n. 9, Jul./Dez. 2013.
- DALE, E.; CHALL, J. The Concept of Readability. **Elementary English**, vol. 26, no. 1, 1949, pp. 19–26, <http://www.jstor.org/stable/41383594>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- DEAN, D. **Museum exhibition: theory and practice**. New York: Routledge, 1996.
- DUBAY, W. H. **The Principles of Readability**. Costa Mesa, CA: Impact Information, 2004.
- EKARV, M. Combating redundancy: writing texts for exhibitions. **The Educational Role of the Museum**, London, Routledge, 1996, cap. 20, p. 201 – 210.
- FARIAS, B.; LANDIM, P.; RODRIGUES, S. Percepção na terceira idade: pesquisa experimental sobre tipografia para idosos. **Design & Tecnologia**, v. 11, 2016.
- FISCHER, H. **Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania**: Subsídios do movimento mundial pela linguagem clara para facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos em ambientes de governo eletrônico. Rio de Janeiro: Com Clareza, 2018. 84 p.
- FISCHER, H. **Impactos da linguagem simples na compreensibilidade da informação em governo eletrônico**: o caso de um benefício do INSS. 2021. 263 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2021.
- FLESCHE, R. **The Art of Plain Talk**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1946.
- GUARITA, A. L. **Proposta de procedimentos para uma visita a um Museu de Arte para um público Sênior de baixo nível de escolaridade**. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação Artística) – Escola Superior de Educação de Lisboa, Portugal, 2017.
- GUIA DE BOAS PRÁTICAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA EM MONUMENTOS, PALÁCIOS E MUSEUS. **Turismo de Portugal**, I. P. Direção Geral do Património Cultural, 2017.
- IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores Sociais - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- KLARE, G. R. **The measurement of readability**. Ames: Iowa State University Press, 1963.
- LESSA, I. Doenças crônicas não-transmissíveis: bases epidemiológicas. In: ROUQUAYROL, M.Z.; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia & Saúde**. 5 ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.
- LIMA, V. L. de A. **Legibilidade e leitura das bulas de medicamentos presentes no tratamento de pacientes cardíacos**. 2007. 169 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- MANTOVANI, E. P. O processo de envelhecimento e sua relação com a nutrição e a atividade física. In: BOCCALETTO, M. A.; VILARTA R. (org.). **Diagnóstico da alimentação saudável e atividade física em escolas municipais de Vinhedo/SP**. Campinas: Ipês Editorial, 2007.
- MARTINS, C. **Pensar juntos mediação cultural: [entre]lçando experiências e conceitos**. Grupo de Pesquisa em Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas São Paulo: Terracota. 2017.

MCLAUGHLIN, G. H. **Proposals for British readability measures**. Third international reading symposium eds. Brown and Downing. London: Cassell, 1968.

NETO, M. J M. P. **Os audioguias na acessibilidade aos museus [documento electrónico]**: a sua aplicação ao Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. Coimbra: ed. do autor, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PILLIÈRE, L. **Accommodating the visitor: How museums connect with their present-day populations**. Open Edition Journals. Disponível em: <https://journals.openedition.org/anglophonia/1409>. Acesso em: 11 set. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

ROE, B. et al. Coffee, Cake & Culture: Evaluation of an **art** for health programme for **older people** in the community. *Dementia*, v. 15, n. 4, p. 539–559, 2016.

SARRAF, V. P. Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência – benefício para todos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 6, junho 2018.

SARRAF, V. P. **Acessibilidade em espaços culturais**: mediação e comunicação sensorial. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015.

SERRELL, B. **Exhibit labels**: An interpretive approach. Lanham, MD: Altamira Press, 1996.

SOUSA, C. Literatura para todos. **Curso cultura e acessibilidade**: pesquisa, formação e produção. Porto Alegre, 2017.

SPIRDUSO, W. **Physical Dimensions of Aging**. 1ª ed. Champaign: Human Kinetics, 1995.

TODD, C. et al. Museum-based programs for socially isolated older adults: Understanding what works. *Health & Place*, v. 48, p. 47–55, 2017.

TRENCH, Lucy. **A Ten Point Guide**. Gallery text at the V&A, 2018.